

# Ternos e Ranchos sairão: tradição não morre na Bahia

A Bahia revive o seu ciclo de festas populares. Teve início com São Nicolau, padroeiro dos trabalhadores do Cais do Comércio e Doas da Bahia, isto no último domingo de novembro, ocasião em que se comemorou o jubileu do prata e, no outro dia, sequenciando, veio a festa de Santa Bárbara do Mercado da Baixa dos Sapateiros, e, assim, sucessivamente. Tal ciclo se espelha por toda a Cidade e finda-se com a festa das águas (a do mar) em honra à Mãe d'água.

São folclóricas e têm, no entanto, uma influência misto-co-religiosa, sendo ora intercaladas por um acentuado anticristianismo afro-brasileiro ou afro-católico, e outras vezes ganham um cunho carnavalesco.

Se uma dessas festas possui uma tradição das mais belas e autênticas, pura no seu conteúdo luso-brasileiro, de caráter eminentemente religioso, é, fora de dúvida, a festa dos Santos Reis, como noite de luzes.

## Noite de Reis

Noite de Reis na Bahia já teve a sua época, como das mais extraordinárias, pela beleza, cores e riqueza de ornamentação com que se apresentavam os famosos ternos, razão precípua da alegoria. Todos eles, desde os abastados aos mais humildes, levavam o

povo em massa a assistir ao desfile, à noite, em demanda à Lapinha, cortejo esse que era mais um ato religioso de tradição bíblica, a adoração ao Menino Deus.

Em Festas e Tradições Populares do Brasil, Melo Moraes Filho escreve:

"Na Bahia, os presépios, os bailes de pastores e os descantados de Reis, prolongavam-se até o carnaval. É o tempo das frutas, das músicas e das malícias".

Dessa noite em diante, os cantadores de Reis percorrem a cidade cantando versos de memória e de longa data. Jovens, moças e rapazes bem paramentados: calça, paletó e colête branco, chapéu ornado de fitas compridas, muitas flores em torno. As moças, de vestidos brancos e alvos, de chapéus de pastores; precisando-os na excursão, habilitados tocadores de serenatas".

Os ranchos ao fogo dos archotes, ao som das flautas e violões, dos cavaquinhos e pandeiros, das cantorias e castanholas, dirigem-se ao presépio da Lapinha.

Há o velho e antigo costume — e ainda hoje é mantida a tradição — de entrarem numa casa qualquer para acordar o dono, que, previamente fechou todas as janelas e a porta de entrada simulando que a família estava dormindo, e com a cantoria e alguma dos toques e cânticos melódicos, a casa se abriu; fazia-se a rez

de saudação ao dono da casa, o que vemos registrado por Melo Moraes:

"O de casa, nobre gente, Escuteis e ouvireis, Lá das bandas do Oriente São chegados os três Reis

Nesta noite tão ditosa É bom que vos não durmais, Porque tão alta ventura Não é justo que perçais.

Após estas e outras toadas, a porta da casa abria-se, o rancho ou o terno entrava em cantoria monótona com vivas ao dono. Em seguida, a família oferecia doces e vinhos.

Bahia, outrora, não só ranchos famosos como o da Burriça, Bumbas-meu-boi e ternos que se sobressaíam pelo espetáculo demonstrado nas suas coreográficas exibições no Largo da Lapinha e por onde passavam.

Ja Manoel Querino, em "A Bahia de Outrora", classifica em três categorias os agrupamentos desses conjuntos de reisados: ternos, os da capital; ranchos, os dos arraíbalde e os bumbas-meu-boi, do sertão. Entretanto, o Bumba-meu-boi foi o que maior influo nas cantorias populares, pelo seu aspecto de diversão, atingindo, desse modo, a sua apresentação em qualquer época e lugar.

As festas de Reis, como a Jajagem do Bonfim, tanto uma como outra, sofreram várias transformações mas, sem quebra de continuidade, estolidas, porém, preservadas.

Os ternos e ranchos nem sempre compareceram à Lapinha, o ponto principal da adoração. Entretanto, os que assistiam, só se apresentavam nas casas em que havia presépios armados, especialmente os que saíam dos arraíbalde.

Após a Guerra do Paraguai, é Manoel Querino quem rela-

"Os festejos populares na Bahia tomaram certo incremento, como antes.

## O estandarte de veludo

Coube ao Distrito de Itapiciraba da Capital, a glória de introduzir nos ternos de Reis o estandarte de veludo ou de seda, bordado em ouro com emblema ou distíntivo alusivo ao nome do terno.

O precursor foi a Estrela Dalva, seguindo-se o do Sol, do Cordeiro e da Serena".

Os ternos saíam à época



Natal e na noite de Reis. O tempo, entretanto, foi modificando e eles se apresentam, agora, em outras festas religiosas.

Hoje, tomam parte na festa do Bonfim (sábado do Bonfim).

As noites de Reis tiveram, outrora, grande destaque e influência religiosa na vida da Cidade, pela seriedade com que eram organizadas e conduzidas na Lapinha. É uma tradição genuinamente cristã, pura no seu aspecto folclórico. Evoluíram de tal forma que, em quase todos os bairros da Cidade se organizavam grupos de rapazes e moças para sair em ternos. Todos bem ornamentados, conduzindo cha-

ringas, lanternas, fogos de bengala, flores etc. Outros já haviam introduzido arautos, que se exibiam como exímios dançarinos (ou mestres-sala). Tradição religiosa-cristã, desde quante jamais deve perder.

Por sinal, a Superintendência de Turismo acaba de liberar a primeira parca para os ternos e ranchos que já poderão sair às ruas. Noite de Reis. E a tradição voltará a se repetir mais uma vez: o povo se concentrará na Praça da Sé para aplaudir e torcer pelos ternos e ranchos que se apresentarão no palanque, armado bem ao lado do Palácio de Arquidocesse.

Antônio Monteiro

